



Ao lado dos ministros militares...

... Sarney reza na catedral.

... fortemente guardada pelo Exército.

Supersegurança

Cerca de mil soldados protegeram Sarney na missa da Páscoa dos militares. E Costa Couto explicou: "É melhor prevenir".

Cercado por um fortíssimo esquema de segurança — entre 800 e mil homens do Exército — o presidente Sarney participou ontem, na Catedral de Brasília, da solenidade de comemoração da Páscoa dos militares. O único ministro civil presente à solenidade, Ronaldo Costa Couto, ao justificar a presença ostensiva dos policiais, disse que "é melhor prevenir do que remediar", admitindo que havia realmente alguma fragilidade no esquema de segurança do presidente durante sua viagem ao Rio de Janeiro.

"Houve falha, isto é óbvio, e nós não podemos negar o que se quer agora é evitar que ocorra outro incidente igual ao do Rio", afirmou Costa Couto, acrescentando que o presidente da República tem que trabalhar com "risco zero".

A solenidade, que durou pouco mais de uma hora, teve a presença de mais de mil militares das três Armas e transcorreu em plena normalidade. Apesar de visivelmente incomodado, Sarney cumpriu todos os rituais da missa e foi o único a receber a comunhão. Na saída, os ministros do Exército, Leônidas Pires Gonçalves; da Marinha, Henrique Sabóia; da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima; e do EMFA, Paulo Campos Paiva, fizeram questão de acompanhar o presidente até seu carro, que seguiu direto para o Palácio do Planalto.

Questionado sobre a necessidade de montar aquele esquema de segurança, o ministro-chefe do Gabinete Civil, Costa Couto, disse que a avaliação e a aplicação das medidas preventivas foram feitas pelos órgãos de segurança "e é evi-

dente que o presidente tem que ser preservado de todas as formas, apesar do Brasil estar vivendo um clima de democracia e liberdade".

Costa Couto confirmou que a segurança presidencial será redobrada, mas garantiu que Sarney manterá inteiramente a sua programação de viagens. "Está" claro agora que a segurança do presidente da República tem que ser, no mínimo, indispensável", concluiu Costa Couto. O porta-voz da Presidência da República, Frota Neto, também justificou a presença do forte aparato policial, mas não quis admitir que o exemplo de ontem será aplicado a todas as aparições públicas do presidente: "Isso ficará a cargo das autoridades competentes", argumentou.

Desde o momento em que se confirmou a presença do presidente da República no ato religioso e, em função do incidente havido no Rio, o Gabinete Militar modificou as normas de segurança, alterando inclusive a organização da festa, que passou a girar apenas em torno da segurança do presidente Sarney. E o próprio Exército, que contribuiria apenas com um contingente de soldados, acabou assumindo todo o esquema de proteção do presidente.

Isso aconteceu depois de uma reunião de última hora, realizada pelo ministério organizador do evento — a Marinha, que através do Comando Naval de Brasília transferiu para o Exército a tarefa de deslocamento dos soldados para o cerco da catedral.

Leonel Brizola garante que nem sabia que o presidente Sarney estaria no Rio naquela quinta-feira em que foi recebido com pedradas. Para se defender das acusações de que teria incitado a manifestação, o ex-governador do Rio assegura que não recomendaria a ninguém que fosse ao protesto — "mas recomendo a todos os trabalhadores e brasileiros que vão ao presidente, onde quer que ele vá". E acrescentou: "Não joguem pedras nem usem da violência. Mas vão, porque a via é saudável e democrática".

Brizola participava ontem de um programa de rádio, no Rio, quando fez tais declarações. Disse que Danilo Groff, que está preso, acusado de coordenar as pedradas, é seu amigo, mas que estava na manifestação como um cidadão comum. A culpa pelo episódio, segundo Brizola, é do governador Moreira Franco: "Ele reuniu três figuras impopulares num local altamente popular (Sarney, Roberto Marinho e o próprio Moreira). Diante disso, o presidente deveria abrir um processo de responsabilidade contra Moreira Franco e ainda fazer uma limpa na segurança do Planalto", ironizou.

Foi uma entrevista cheia de críticas. O presidente Sarney ele classificou como "impostor": "Não foi eleito, passou a tomar medidas impopulares e o resultado não po-

deria ser outro". Para o ministro da Justiça, Paulo Brossard, sobrou a acusação de "falso": "Ele lutou durante anos contra a Lei de Segurança Nacional e agora ele mesmo vai aplicá-la". Disse também estar desiludido com o prefeito Saturnino Braga: "Ele fechou a fábrica de escolas, aderiu ao governador Moreira Franco e lá em casa hoje ele não é recebido nem com água suja".

Provas

O ministro Brossard se defende das críticas que vem recebendo de todos os lados por concordar com a aplicação da LSN contra os responsáveis pelas agressões. "Se eu fosse legislador não recorreria à Justiça Militar para julgar casos dessa natureza, mas a lei existe e deve ser cumprida", explicou. "Em



nir provas que o incriminem. Groff continua preso na Polícia Federal do Rio — "mas está tranqüilo e confiante na sua libertação", relatou o advogado Guilherme Martins Vieira, um dos advogados designados pelo PDT para defendê-lo.

O habeas corpus em favor de Groff, que deu entrada ontem no Tribunal Federal de Recursos, foi distribuído imediatamente ao ministro Dias Trindade. O ministro, contudo, declarou-se incompetente para julgar — e remeteu os autos para o Superior Tribunal Militar. Aldemio Ogliari, outro dos cinco advogados de Groff, disse que vai recorrer ao Supremo Tribunal Federal contra a decisão. Ogliari, membro do diretório do PDT-DF, pede o trancamento do inquérito policial alegando a incompetência da autoridade que determinou sua abertura, o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma. Como consequência do pedido ele requer a libertação imediata de Groff.

Caso não consiga o trancamento do inquérito, Ogliari pedirá o relaxamento da prisão preventiva, para que Groff responda ao inquérito em liberdade. Assim que o habeas corpus chegar ao STM, será distribuído a um ministro relator. Caso o documento dê entrada depois do recesso do Judiciário, que se inicia amanhã, o habeas corpus será encaminhado ao ministro de plantão.

Octávio Moreira Lima, considerado o mais liberal dentro das Forças Armadas e que vem convidando políticos para almoços, nos quais discute os problemas do País. Para o informante, há muitos indícios de que a direita está ganhando espaços, contando com as facilidades geradas pela insatisfação popular diante da crise econômica. Nas Forças Armadas, entretanto, a palavra "golpe" vem gerando cada vez mais reações de adversidade: "Não agüento mais essa história de golpe...".

desabafou há dois dias o ministro Moreira Lima. Mesmo assim, ele admitiu a existência de grupos do governo passado insatisfeitos com a atual administração. Na Marinha, não existiria insatisfação da tropa, segundo o informante, persistindo apenas descontentamento, nos gabinetes, com a possibilidade de concessão de anistia para quase 1.500 marinheiros punidos em 1964. E, ontem, um oficial de Aeronáutica disse pressentir algo no ar: "Não um golpe — disse ele —, mas há algo estranho para acontecer".

A direita, em processo de rearticulação?

Um influente político de cúpula do PMDB manifestou ontem preocupação com a rearticulação de direita no País. Segundo ele, alguns generais do regime militar voltaram a se reunir, como Octávio Medeiros, ex-chefe do SNI, e Newton Cruz, ex-comandante militar do Planalto (que se notabilizou quando agrediu populares em Brasília com um rebenque). O político comentou também as tentativas de desestabilização do ministro da Aeronáutica, brigadeiro